

# TERRITÓRIO NA PERSPECTIVA COMUNITÁRIA E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS<sup>1</sup>

Cicilia M.Krohling Peruzzo – UFBA, UERJ e UFES

## RESUMO

Este trabalho enfatiza o território como espaço de vínculos no qual os movimentos sociais e comunidades se movimentam. O Objetivo é discutir os entrelaçamentos entre territórios de proximidade, a questão das identidades e como a comunicação se realiza nesse contexto. Trata-se de uma abordagem teórica ensaística que parte de pesquisa bibliográfica, mas que procura olhar para as práticas sociais. Conclui-se que embora existam distintas linhas para se pensar o território, a perspectiva do vínculo é articuladora da ação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Território; Identidades; Vínculo social; Movimentos Sociais.

## RESUMO EXPANDIDO

### Introdução

A discussão sobre territórios perpassa análises conceituais em distintos campos do conhecimento e de problemáticas desde filosóficas, geográficas, econômicas, jurídico-políticas, sociológicas, antropológicas, etnológicas etc. Neste texto enfatizo o território na perspectiva sociológica tomando-o como o espaço de vínculos no qual os movimentos sociais e comunidades atuam mobilizando seu entorno na busca de soluções de problemas que afetam determinados segmentos sociais.

### Objetivo

O Objetivo do texto é discutir os entrelaçamentos entre territórios de proximidade, a questão das identidades culturais e socio comunitárias e como a comunicação se constitui nesse contexto.

### Metodologia

Trata-se de uma abordagem teórica ensaística que parte de pesquisa bibliográfica, mas que procura olhar para as práticas sociais.

### Base teórica e discussão

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, Identidades e Cidadania da XVIII Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã, de 11 a 13 de junho de 2024, na Universidade São Judas, São Paulo-SP.

Embora haja distintas perspectivas de entendimento do território, como a geográfica, de base econômica, jurídico-política, as idealistas, integradoras e relacional (Haesbaert, [2004] 2020), além daquelas que enfatizam a desterritorialização (Virilio, 1982; Ianni, 1992; Ortiz, [1996] 2000) e a des-re-territorialização (Deleuze, Guattari, 1996, 1997; GUATTARI; RONILK, 2010; Haesbaert [2004] 2020), neste texto penso o território a partir dos vínculos identitários (Santos, 2007), mas na perspectiva comunitária e dos movimentos sociais.

No contexto dos movimentos sociais e comunidades, pensar o território é pensar em proximidades e, proximidade pode referir-se a distintos vínculos. Há a proximidade de lugar, ou geográfica, vista como local ou regional, em que há o sentimento de enraizamento, seja por características naturais (condições naturais de solo, água, montanhas, clima) ou situacionais, vivências etc. A proximidade pode se dar também por circunstâncias históricas e tradições culturais compartilhadas, quando se nasce em determinado contexto com identidades étnicas, religiosas, zonas segregadas etc. A proximidade pode ocorrer a partir participação em dado ambiente organizacional ou profissional. Não só tendo por base uma organização, mas setores, por exemplo, de pesca, de trabalho artesanal, zona industrial, zona de extração de minério etc. E, entre outras, há ainda as proximidades por afinidades ideológicas e políticas que fazem com as pessoas criem elos e se organizem para fazer frente a problemas em comum de determinados setores sociais, lugares etc. Mas, apesar de especificidades, muitas vezes certas características mesclam-se umas às outras. No conjunto, são elementos que geram familiaridades, compartilhamento de visões, sentimentos e favorecem a articulação.

Desse modo, pensar o território é também perceber os entrelaçamentos entre local-território-comunidade-identidades. O local é um território de proximidades, pelas familiaridades e laços identitários, por símbolos compartilhados, situações e interesses em comum. Território é o espaço usado, segundo Milton Santos (2007) e é o chão das identidades. Comunidade é terreno dos vínculos. E as identidades geram as condições de formação de elos entre pessoas dando forma a comunidades e territórios. Então, pensar território é pensar em comunidade, embora nem todo território caiba na categoria comunidade. Ou seja, há territórios de identidade que não chegam a formar comunidades.

Durante algum tempo, tanto território quanto comunidade foram entendidos a partir da noção de lugar, com seus contornos e características. Mas, mesmo assim, sempre se relacionou o local a elos identitários. Mas, apesar dessa noção de comunidade continuar válida para algumas situações – a comunidade local não morreu, ela não dá conta de todos

os tipos de território e de comunidade hoje em dia, por dois fatores: a) o universo da internet permite conexões de todos os tipos; b) há necessidade de reconhecimento de outros fatores agregativos.

Comunidade hoje poder se formar por escolha, e não porque a vida coloca a pessoa dentro dela. Atualmente, podemos falar de comunidade de pertença e de território de pertença, que é o espaço de vínculo.

É por essa razão que comunidade pode ser vista como território. Território simbólico, de pertencimento, de compartilhamento de preocupações, problemas, culturas, saberes, lutas...

Nesse sentido, no campo dos movimentos sociais, parece não haver separação entre “território” e “comunidade”, do ponto de vista das práticas sociais. Exemplo: no Polo da Borborema (Paraíba), se trabalha no território geograficamente delimitado – um território de cidadania, e se formam “comunidades” a partir de problemas em comum, da reflexão, da ação e da coletivização de processos organizativos e de lutas.

Voltando a questão da não separação entre comunidade e território, essa possibilidade se dá porque ambos são “lugares” de coisas em comum, sejam elas, situações de vida, visões de mundo, necessidades, interesses, mas também como espaço de articulação.

Sobre a questão das identidades. Identidade “é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (Santos, 2007, p.8). Ou seja, implica em reconhecimento, e o reconhecimento de identidades pode ajudar a constituição do território. Mas, só se constitui território quando há articulação, mobilização, organização e ação coletiva. Do contrário, é um, “aglomerado” de identidades dispersas. Articular é formar rede para constituir-se em território de pertença. Por exemplo, um trabalho realizado em Brasília pela Fiocruz, pelo Ministério da Saúde (SUS) e a UnB, denominado *Redes que Territorializam Saúde e Sustentabilidade*, assume o seguinte conceito de território: “é o nome que damos quando nos unimos, ocupamos um pedaço de chão da terra, plantamos nossos frutos, temos nossas crianças, vivemos e contamos nossas histórias” (Redes..., 2023). O trabalho dessa rede é voltado à formação de “redes solidárias” visando a promoção da saúde e de territórios saudáveis e sustentáveis, a partir de pontos de internet, roteadores, antenas e cabos. Redes Comunitárias de Internet que favorecem a conexão de Redes Humanas, e a partir delas cria-se conexões e estimulam a participação crítica em favor da saúde por intermédio de um trabalho educativo, mobilizador e em parceria.

O território em si – seja o geográfico, simbólico etc. existe, mas se não há vínculo, se não há articulação – política, cultural, identitária, ele é algo amorfo. Então, território é algo dinâmico, vivo, movido por relações.

O território é o espaço privilegiado dos movimentos sociais, justamente em razão dessa dinâmica de relações e conexões de visões da realidade e de um mundo pelo qual se luta. Eles são uma espécie de rede que atuam em territórios de identidades, como por exemplo, os movimentos de mulheres, da negritude, juventudes, pessoas LGBTQs, dos atingidos por barragens e assim por diante.

No Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o que seus membros têm em comum? Eles vêm de um histórico de família que tem a terra como base de trabalho, da vida cotidiana e de modo de existência, o que lhes garante afinidades. No entanto, a existência das coisas em comum não assegura a formação de um território, de uma rede ou de um movimento social, se não houver articulação e uma práxis em comum. É no processo de organização que se alimentam as identidades culturais e são constituídas novas identidades políticas e ideológicas, que no conjunto possibilitam a coesão.

Falei antes que comunidade é espaço de vínculo, o que vale também para território. Esses vínculos advêm de coisas em comum, das proximidades, e que podem estar relacionadas distintos fatores. Em outros termos, território é aquele ao qual se pertence, ou é o espaço de pertencimento, como já foi dito. E esse pertencer pode decorrer de vários outros fatores: a) Origem – local de nascimento, e que acaba formando um modo de ser. Milton Santos diz (2007, p;14): “território é o lugar de residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”; b) Vivência de situações em comum – “territórios”, como problemas que afetam segmentos de pessoas. Por exemplo, discriminação por racismo a negros, por ser mulher, LGBTQ etc.; c) Condições semelhantes do viver – zonas pacatas versus zonas com problemas de violência, zonas de moradia de alto padrão versus zonas de moradias precárias; d) Identidade política e ideológica que facilita a organização, a mobilização e a própria articulação, desde que se construam objetivos em comum; e) Identidades culturais e étnicas. Um exemplo seria a questão os imigrantes que tendem a se articular em suas bases originárias diante do choque cultural sofrido nas novas realidades e os preconceitos experimentados.

Finalmente, sobre a comunicação. Os movimentos dialéticos intrínsecos às relações sociais agregativas que permitem entender os territórios, também dão pistas para se pensar a comunicação. Ela perpassa essas relações e se constitui no território e, ao mesmo tempo, ajuda a constituir o território.

A comunicação se desenvolve segundo as necessidades de comunicar, os objetivos e os interesses políticos em questão. Mas, não falo de política partidária, mas da macro política. Toda ação, toda incidência no território, é política. Ela faz parte dessa práxis. É a comunicação direta, face a face, grupal, mediada por tecnologias, estratégica e coordenação de ações. Ela possui faces e intersecções com as lutas mais amplas. É por meio da comunicação que os elos e as relações se estabelecem.

### **Considerações finais**

Conclui-se que, embora existam distintas linhas para se pensar o território, a perspectiva do vínculo que vem da práxis ajuda a entender as práticas socio comunitárias voltadas ao exercício da cidadania, pois é articuladora da ação.

### Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 3. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34,1997.

GUATTARI, E; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. 12 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

IANNI, O. **Sociedade global**. São Paulo: Civilização Brasileira,1992.

REDES QUE TERRITORIALIZAM SAÚDE E SUSTENTABILIDADE. Brasília: Fundação Osvaldo Cruz; Universidade de Brasília. 2023.

ORTIZ, R. **O outro território**. Ensaios sobre mundialização. São Paulo: Olho D' Água, [1996] 2000.

SANTOS, M. Dinheiro e o território. In: Santos, M.; Becker, B. (Org.) **Território, territórios**. Ensaios sobre o ordenamento territorial e outras reflexões. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

VIRILIO, P. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1982.